



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

2º ciclo do 1º bimestre da 2ª série

Eixo bimestral: **POESIA E ROMANCE NO ROMANTISMO / RESUMO E
RESENHA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Leandro N. Cristino

Conteudistas

Simone Lopes

Vanessa Brito

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- **Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.**
- Identificar nas obras literárias estereótipos e discriminações quanto à presença negra e indígena.
- Distinguir as três gerações do Romantismo brasileiro.
- Reconhecer a importância da enumeração e da eliminação como processos para a elaboração do resumo.
- **Reconhecer na resenha a finalidade de expor criticamente um ponto de vista sobre manifestações artísticas.**

USO DA LÍNGUA

- **Identificar as figuras de linguagem presentes na estética romântica.**
- Identificar a existência de diferentes classes de palavras.
- **Identificar os termos essenciais da oração.**
- Reconhecer e utilizar diversas marcas modais nos verbos.
- **Reconhecer mecanismos de coesão referencial e sequencial.**
- **Empregar adjetivos valorativos e advérbios como mecanismo de introdução do juízo de valor e recurso modalizador.**

PRODUÇÃO TEXTUAL

- Produzir resumos dos textos críticos que analisam os textos literários estudados.
- **Produzir resenhas dos romances estudados, relacionando-os à discussão de paradigmas e temas da atualidade.**

COMO ENSINAR?

Seguindo as orientações do Currículo Mínimo, o segundo ciclo deste bimestre é dedicado aos estudos do romance no Romantismo, estilo de época já iniciado no ciclo anterior, e do gênero textual resenha.

A presente seção destas Orientações Pedagógicas apresenta estratégias para auxiliar o trabalho com a prosa da estética romântica. Há propostas de atividades e de materiais diversos para contribuir na abordagem da linguagem, dos principais temas e das possíveis relações com a produção cultural contemporânea. Além disso, neste “Como ensinar”, é sugerida uma sequência para ajudar os alunos na elaboração de suas próprias resenhas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: A PROSA ROMÂNTICA
<p>Nesta primeira sequência didática, abordaremos a prosa no Romantismo. O gênero romance refletiu os anseios da burguesia e, ao mesmo tempo, foi capaz de obedecer aos preceitos literários românticos. Por isso, buscaremos entender a relação entre o texto e a sua época, além de verificar a importância das escolhas linguísticas para caracterização do romance romântico.</p>
<p>Eixo Leitura</p> <ul style="list-style-type: none">• <i>Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.</i>
<p>Eixo Uso da Língua</p> <ul style="list-style-type: none">• <i>Identificar as figuras de linguagem presentes na estética romântica.</i>• <i>Identificar os termos essenciais da oração.</i>• <i>Reconhecer mecanismos de coesão referencial e sequencial.</i>

PASSO 1: O ROMANCE ROMÂNTICO

Para compreender a prosa romântica, é importante que o professor retome as características gerais do Romantismo, bem como o seu contexto histórico, estudados a fundo no ciclo anterior. Para isso, a estratégia da “tempestade de ideias” pode ser interessante. Neste caso, o professor pode anotar no quadro, em tópicos de uma só palavra ou frases curtas, os comentários relevantes lembrados pelos alunos, revendo a matéria e preparando a base para este novo ciclo.

PRINCIPAIS MARCAS DO ROMANTISMO
a) NACIONALISMO UFANISTA
b) INDIANISMO
c) EGOCENTRISMO
d) IDEALIZAÇÃO
e) ESCAPISMO
f) ASCENSÃO DA BURGUESIA
g) VALORIZAÇÃO DA MORAL CRISTÃ
h) SENTIMENTALISMO

A seguir, a partir do que está no quadro, o professor pode apresentar algumas colocações acerca do novo contexto, instaurado pelo período pós-Independência. A nova situação política trouxe ainda mais urbanização e modernidade para a cidade do Rio de Janeiro, que já havia abrigado a família real e, então, tornara-se sede do Império Brasileiro. Consequentemente, a ascensão social é uma realidade que possibilita o surgimento de uma nova classe social: a burguesia. Anteriormente pertencentes às classes populares, os burgueses compõem um grupo social que ascendeu econômica e politicamente. Por essa razão, eles passaram a defender os ideais liberais e nacionalistas. Na Europa, esse grupo se fortaleceu sobremaneira com a Revolução Industrial, e, no Brasil, foi constituído pela elite econômica e cultural da população brasileira, formada por aqueles que tiveram contato com os ideais do Romantismo europeu e os trouxeram para o país. Então, afinado que estava com a elite europeia, esse grupo disseminou entre nós o gosto pelos folhetins e pelo romance, como veremos adiante.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a não-popularização da leitura, que ainda era um privilégio de uma minoria branca e rica. Segundo dados do censo de 1872, no Brasil apenas 18.6% da população livre sabia ler. Nesse contexto, não é de se espantar que a leitura fosse um hábito restrito à elite burguesa e a alguns profissionais liberais que seguiam o exemplo das cortes europeias, atribuindo prestígio à atividade leitora. Além disso, o surgimento da imprensa também será preponderante para a consolidação da prosa romântica.

É importante frisar para o aluno que o romance é um gênero textual que se caracteriza por ser uma narrativa longa, imaginária, porém verossímil. Os alunos devem compreender que a produção poética não foi suspensa, apenas surgiu outra forma de manifestação artística atendendo à demanda do público leitor. Eles devem perceber que, enquanto na poesia predominava a expressão dos sentimentos e da visão do mundo do eu-lírico, os romances revelam, por meio dos personagens fictícios, uma vida cotidiana que convém ao leitor, por lhe “representar”.

Nesse ponto, os alunos já podem ter relacionado os romances às novelas de televisão. O professor pode, então, falar para a turma sobre o folhetim, precursor do romance. À época do Romantismo, os romances eram publicados capítulo a capítulo nos jornais, de modo a manter o interesse pela história, que era interrompida em momentos de clímax, e aumentar a venda dos jornais.

Então, como se pode perceber, são os folhetins que se relacionam às novelas, uma vez que, ressalvadas as diferenças de linguagem, a interrupção da narrativa é marca notória em ambos. Quanto ao conteúdo, o professor pode levar os alunos a perceber que são três os principais elementos que caracterizam o romance romântico, os folhetins e as telenovelas: o maniqueísmo (oposição entre o bem e o mal), os triângulos amorosos e o final feliz. Mais uma vez, nota-se a atualidade do Romantismo, estilo literário que ainda influencia a identidade nacional.

Dinâmica Introdutória	
1º Momento	Tempestade de ideias Etapa na qual os alunos retomam as características românticas, revisão essencial para o estudo do romance romântico.
2º Momento	O que é um romance? Esclarecimentos sobre o gênero romance e sua relação com folhetins e telenovela.

Nesse momento, os alunos já devem ter compreendido que a palavra romance, nos termos em que a estamos estudando, não necessariamente remete a uma história de amor, como o senso comum a concebe. Na verdade, os romances podem ou não tratar de histórias de amor, e, no caso do romance romântico, sempre estão imbuídos de dois objetivos básicos: buscar a identidade nacional e servir ao gosto burguês, que se deliciava com narrativas de fantasia e aventura recheadas de melodramas açucarados.

É nessa constante busca pela definição do que é ser brasileiro que os romancistas seguem por um caminho diferente dos poetas: em sua busca pelo nacional eles lançam um olhar mais fragmentado para o Brasil, dividindo-o em espaços – a selva, o campo e a cidade. Assim, surgem três vertentes: o romance indianista, o romance regional e o romance urbano. Didaticamente, também se fala em romance histórico, voltado para o passado colonial brasileiro.

O professor pode, então, construir junto com a turma um quadro destacando as principais obras de cada tipo de romance, como mostra o quadro abaixo. Se achar conveniente, o professor pode, em vez de construir o quadro, solicitar uma pesquisa sobre

esse assunto e tratá-lo a partir das apresentações, construindo o quadro apenas posteriormente.

PANORAMA DA PROSA ROMÂNTICA	
<p>ROMANCE INDIANISTA</p> <p>Apresentação do índio como herói nacional e exaltação da natureza.</p>	<p>➤ “O Guarani” (1857), “Iracema” (1865) e “Ubirajara” (1874) são as principais obras, todas de José de Alencar.</p>
<p>ROMANCE HISTÓRICO</p> <p>Exalta o passado histórico brasileiro</p>	<p>➤ “As Minas de Prata” (1862-1866) e “A Guerra dos mascates” (1873)</p>
<p>ROMANCE REGIONAL</p> <p>Esse tipo de romance cumpriu, verdadeiramente, a missão nacionalista romântica: olhar para os quatro cantos do Brasil, compreendendo e valorizando as diferenças entre as regiões.</p>	<p>➤ “Inocência” (1872), “Retirada da Laguna” (1871), de Visconde de Taunay;</p> <p>➤ “O caboleira” (1876), Franklin Távora.</p> <p>➤ “O gaúcho” (1870), “O tronco do ipê” (1871), “Til” (1872) e “O sertanejo” (1875), de José de Alencar.</p>
<p>ROMANCE URBANO OU DE COSTUMES</p> <p>Retrato da sociedade carioca durante o Segundo Reinado.</p>	<p>➤ “A moreninha” (1844), considerado o primeiro romance romântico, de Joaquim Manuel de Macedo.</p> <p>➤ “Memórias de um sargento de milícias”, de Manuel Antônio de Almeida. Esse romance foi publicado sob forma de folhetins anônimos, de 1852 a 1853.</p> <p>➤ “Cinco minutos” (1857), “A viuvinha” (1860), “Lucíola” (1862), “Diva” (1864), “A pata da gazela” (1870), “Sonhos d’ouro” (1872), “Senhora” (1875) e “Encarnação” (1893, em publicação póstuma), todos de José de Alencar.</p>

Finalizando essa etapa, o professor pode apresentar aos alunos aquele que é considerado o maior romancista romântico, tanto pela qualidade da obra, quanto pela quantidade de publicações: José de Alencar. Para isso, o professor pode apresentar aos alunos o vídeo “José de Alencar, de lá pra cá”¹, produzido pela TV Brasil, por meio do qual a turma poderá conhecer melhor esse grande autor, cujo romance “Lucíola” será trabalhado em nosso material.

PASSO 2: CONHECENDO “LUCÍOLA”²

“Lucíola”, de 1862, é o quinto romance de Alencar e integra uma trilogia chamada por ele de “perfis de mulher”, na qual também se incluem “Diva” e “Senhora”. Todos são romances urbanos que narram histórias de amor ao gosto romântico ambientadas na burguesia carioca do século XIX. Certamente, os vídeos assistidos pelos alunos tanto neste ciclo quanto no anterior os ajudarão a situar-se na época da narrativa, facilitando a compreensão do dilema amoroso entre Paulo e Lúcia. Embora o amor seja o tema central da obra, a relação entre os personagens e a forma como eles lidam com esse sentimento é bastante peculiar por duas razões básicas: os romances românticos são regidos pela moral cristã e burguesa, e Lúcia é uma prostituta. Ora, se os padrões sociais de comportamento daquela época eram tão diversos dos atuais e se a mulher era vista de forma diferente, certamente os alunos precisarão se transportar para aquele século durante a leitura, assumindo uma postura que os permita, de fato, compreender a narrativa.

Entretanto, ainda que haja tantas diferenças entre o tempo atual e o tempo de “Lucíola”, amor é sempre amor, e geralmente histórias sobre esse tema costumam despertar grande interesse nas pessoas. Tratando-se de adolescentes, esse interesse pode se aguçar ainda mais, tendo em vista seu caráter contestador, sua disposição para querer o diferente. Dessa forma, cremos que “Lucíola” pode ser uma leitura bastante atrativa para

¹ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ZZTVJwqsFEY>

² Para saber mais sobre o romance, ver o artigo: http://www.leituraeescritura.com/revista/le_02a.htm

os alunos, que podem tanto relacionar a obra com a atualidade quanto compreender as especificidades da época.

O professor pode iniciar a atividade com um debate sobre as motivações para a prostituição. Afinal, seja qual for a época, vender o corpo é uma prática considerada repulsiva pela sociedade. Então, o que levaria alguém a fazer isso? Certamente, a participação da turma será bastante expressiva, já que este costuma ser um tema polêmico. É possível estabelecer relações com “Bruna Surfistinha”, filme baseado em uma personagem real. Se houver possibilidade, o professor também pode passar o filme “Sonhos roubados”, que retrata a histórias de três amigas moradoras de comunidades cariocas que eventualmente se prostituem para conseguir objetos de desejo, mas continuam sonhando com uma vida melhor.

Após essa discussão, a turma já estará preparada para mergulhar no universo de “Lucíola”. O professor pode começar pela apresentação do casal protagonista: Maria da Glória, a menina pura e ingênua que, por contingências de um trágico destino, torna-se a cortesã Lúcia; e Paulo, um jovem pernambucano que vem para o Rio de Janeiro por motivos profissionais e apaixona-se por Lúcia. Então, precedendo a leitura da obra, o professor pode propor a leitura do prefácio³, gênero textual normalmente negligenciado pelos leitores comuns. Trata-se, na verdade, de uma componente fundamental de qualquer livro, seja de qual área for, uma vez que pode trazer esclarecimentos importantes. No caso de “Lucíola”, por meio do prefácio, temos acesso a uma outra ficção criada por Alencar, posterior à narrativa. O personagem Paulo Silva, por meio de cartas, dialoga com a senhora G. M, interlocutora que, segundo os especialistas, seria o pseudônimo do próprio Alencar, contando-lhe sua história de amor. O livro seria, então, a reunião dessas cartas feita por G. M. e também intitulada por ela.

Na tentativa de envolver os alunos com o tema e seduzi-los para a leitura do romance, vale lançar algumas questões. Por exemplo: Como seria a relação entre Paulo e

³ O prefácio de Lucíola está disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do>

Lúcia hoje? E na época dos pais ou dos avós dos alunos? Estimular o pensamento crítico acerca das mudanças da moral da sociedade poderá ajudá-los na percepção do olhar romântico de Alencar sobre o tema, que manteve, ao protagonizar uma de suas obras com uma prostituta, uma das principais características do Romantismo: a subjetividade.

Outro ponto importante, que filia contundentemente a obra ao Romantismo, está nas marcas de subjetividade, evidenciadas, sobretudo, pelo fato dessa narrativa ser estruturada em 1ª pessoa. A história gira em torno de Paulo. É o **seu** olhar, são os **seus** sentimentos e a **sua** visão de mundo que comandam a narração. Dessa forma, com um narrador tão comprometido com o narrado, o resultado é um texto parcial, no qual impera o olhar de um homem apaixonado, sofrido, condenado pelas convenções sociais a não viver seu grande amor.

Ainda que não tenha lido o livro até esse momento, a turma já está ciente de que trata o romance e, certamente, o dilema vivido por Paulo já terá conquistado a turma, que desejará conhecer mais sobre essa história de amor. No entanto, a leitura integral do romance provavelmente não agradará aos alunos, por mais que já estejam envolvidos com a história. Além disso, o acesso à tecnologia pode, neste caso, ser prejudicial ao estudo, uma vez que eles encontrarão diversos sites com os resumos da obra. Para tentar driblar esse inconveniente, o professor pode utilizar a estratégia da leitura dirigida, que consiste na leitura conjunta, em voz alta. Como o tempo é reduzido para que toda a obra seja lida dessa forma, o professor pode escolher os capítulos⁴ que deseja ler em sala e solicitar aos alunos os comentários sobre os demais, atividade que exige a leitura da obra, já que os resumos fornecem apenas uma visão geral. Dessa forma, todo o livro será trabalhado em sala e, de fato, lido pela turma. É muito importante que eles tenham contato com a linguagem da obra, que guarda intrínseca relação com o seu conteúdo e com a época na qual foi escrita. Os resumos também não contemplam esse aspecto.

⁴ Nesta seleção, o professor já pode incluir os capítulos presentes no Roteiro de Atividades, ou seja, o segundo, o quarto e o último.

Durante a leitura dirigida, há alguns tópicos que merecem destaque no trabalho com os alunos. Seguem algumas sugestões:

- a) Amor como força purificadora: Alencar precisava transformar sua prostituta protagonista em uma heroína aceita pela moral da burguesia cristã. Ainda menina, por amor à família e necessidade, tornou-se prostituta. Por amor a Paulo, redime-se.
- b) Sentimentalismo melancólico: diante da impossibilidade de vivenciar o amor, Paulo e Lúcia vivem imersos em uma tristeza profunda.
- c) Morte: essa é a válvula de escape, por excelência, do homem romântico. Ao final, a morte funciona com um meio de remissão dos pecados da cortesã.
- d) Paradoxos: o livro inicia-se de forma bastante irreal, pois Paulo vê sua amada pela primeira vez durante uma comemoração religiosa. Ora, certamente esse não é o ambiente mais comum para se conhecer uma cortesã. Esse aspecto já nos aponta a idealização romântica. Além disso, o comportamento de Paulo e Lúcia ao longo do livro é bastante dúbio.
- e) Descrição: a descrição é minuciosa e, no caso dos personagens, o autor opta por descrevê-los primeiro fisicamente, passando depois aos aspectos psicológicos.
- f) Estrutura narrativa peculiar: autor real (José de Alencar); autor fictício (senhora G. M.); narrador (Paulo).
- g) Nomes da personagem principal:
 - Maria da Glória: a menina pura;
 - Lúcia: a prostituta depravada;
 - Lucíola: nome escolhido por G.M. e cujo significado está relacionado a um inseto noturno que brilha. Esse fato é bastante revelador acerca da visão de Alencar: apesar de estar nas trevas (prostituição), Maria da Glória (a luz) ainda existe.
- h) Final “feliz”: Lúcia redime-se, volta a ser Maria da Glória e morre, ou seja, o amor vence para além do desejo físico, que já não lhe cabe mais depois de anos de prostituição. Assim, ela é “perdoada” pela sociedade e aceita como heroína romântica.

Após a leitura do livro e todas as discussões pertinentes, o professor pode, a título de ilustração, apresentar aos alunos dois vídeos: uma animação de Lucíola e uma videoaula sobre o romance. A animação é bastante original e, mesmo adaptando a história para a atualidade de forma bem humorada (traço não comum no Romantismo), consegue ser bastante útil para a compreensão da obra. Na sequência, a videoaula traz uma visão mais acadêmica por meio do discurso de outro professor. Nesse momento, a turma já está pronta para comparar suas análises com a do vídeo, construindo assim uma visão mais consistente sobre o romance e, também, sobre o Romantismo.

GUIA DE LEITURA DO ROMANCE	
1º Momento	<p>O que leva alguém a se prostituir?</p> <p>Discutir com os alunos algumas questões do nosso tempo para tentar entender as motivações de Lúcia. Quais as motivações para a prostituição? Por que prostituta de luxo? Como a sociedade lida com a prostituição?</p>
2º Momento	<p>Filme: “Sonhos roubados”⁵</p> <p>O filme, que retrata a prostituição como meio de saciar desejos de consumo, ajudará os alunos a refletir sobre as motivações de Lúcia.</p>
3º Momento	<p>Lendo o Prefácio</p> <p>A leitura do prefácio traz importantes esclarecimentos sobre a obra.</p>
4º Momento	<p>Leitura dirigida a partir do seguinte mote: o dilema de Paulo</p> <p>Apaixonar-se por uma prostituta, em qualquer século, é bastante complicado. Então, após o debate e a leitura do prefácio os alunos já estarão envolvidos o suficiente para conhecer mais sobre essa complexa história de amor.</p>
5º Momento	<p>Animação de “Lucíola”</p> <p>O vídeo atualiza o romance, acirrando ainda mais o interesse dos alunos pela história.</p>
6º Momento	<p>Videoaula sobre “Lucíola”⁶</p> <p>Para finalizar o trabalho, assistir a aula de outro professor sobre o romance e comparar suas colocações com as da turma.</p>

⁵ Mais detalhes sobre o filme em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-181484/>

⁶ Análise disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=snoNKLSBpJw>

PASSO 3: A LINGUAGEM DA PROSA ROMÂNTICA

Um aspecto fundamental dos romances românticos urbanos era a utilização da linguagem como forma de sedução do leitor. Não apenas por dispensar a sofisticação das traduções estrangeiras, a linguagem dos romances nacionais tornou-se atraente para seu público, porque era simples e construía uma relação de intimidade e confiança com o leitor.

Para ajudar o professor a mostrar isso aos alunos, escolhemos trechos de dois capítulos em sequência que reúnem alguns recursos utilizados pelos românticos para obter essa relação: o estabelecimento de um diálogo com o leitor e o entrelaçamento da realidade com a ficção. O professor pode, então, lançar para a turma, após a leitura dos capítulos, a seguinte questão: “O narrador apenas conta a história ou ele parece falar com o leitor?”.

A partir das respostas, o professor pode mostrar-lhes que logo no início do capítulo XIX o narrador, em 1ª pessoa, fala com seu interlocutor, como evidencia os verbos em segunda pessoa destacados.: “Depois da noite que passara talvez suponha que fiz versos. Pois engana-se: fiz contas.”.

Se levarmos em consideração que, na trama criada por Alencar, o livro é, na verdade, uma reunião de cartas enviadas a G. M, seria essa senhora a interlocutora de Paulo. Porém, numa visão mais ampla, são os leitores em geral (nós, hoje em dia, e as burguesas da época) que compõem a segunda pessoa do discurso, a quem Paulo se refere em todo o livro.

Outro recurso narrativo é a referência a espaços reais, conhecidos pelos leitores. No caso do capítulo XIX exposto abaixo, Paulo afirma que vai a uma loja existente na época que ficava na Rua do Ouvidor, um dos endereços mais requintados da época. Com isso, Alencar consegue familiarizar ainda mais o leitor com a obra, que tem a impressão de dividir o mesmo espaço real com os personagens dos romances que lê.

Capítulo VIII

(...)

Havia na fúria amorosa dessa mulher um quer que seja da rapacidade da fera.

Sedenta de gozo, era preciso que o bebesse por todos os poros, de um só trago, num único e imenso beijo, sem pausa, sem intermitência e sem repouso. Era serpente que enlaçava a presa nas suas mil voltas, triturando-lhe o corpo; era vertigem que nos arrebatava a consciência da própria existência, alheava um homem de si e o fazia viver mais anos em uma hora do que em toda a sua vida.

A aspereza e feroz irritabilidade da véspera se dissipara. O seu amor tinha agora sensações doces e aveludadas, que penetravam os seios d'alma, como se a alma tivera tato para senti-las.

Não fui eu que possuí essa mulher; e sim ela que me possuiu todo, e tanto, que não me resta daquela noite mais do que uma longa sensação de imenso deleite, na qual me sentia afogar num mar de volúpia.

Quando o primeiro raio da manhã tremulando entre as folhas rendadas veio esclarecer-nos, Lúcia, reclinada a face na mão, me olhava com o ressumbro de doce melancolia, que era a flor de seu semblante em repouso. Embebendo o olhar no meu, procurou o pensamento no fundo de minha alma. Sorri; ela corou; mas desta vez entravam também no rubor os toques vivaces do júbilo que iluminou-lhe a fronte. Incompreensível mulher!

À noite a vira bacante infrene, calcando aos pés lascivos o pudor e a dignidade, ostentar o vício na maior torpeza do cinismo, com toda a hediondez de sua beleza. À manhã a encontrava tímida menina, amante casta e ingênua, bebendo num olhar a felicidade que dera, e suplicando o perdão da felicidade que recebera.

Se naquela ocasião me viesse a ideia de estudar, como hoje faço à luz das minhas recordações, o caráter de Lúcia, desanimaria por certo à primeira tentativa. Felizmente era ator neste drama e guardei, como a urna de cristal guarda por muito tempo, o perfume de essência já evaporada, as impressões que então sentia. É com ela que recomponho este fragmento de minha vida.

Lúcia disse-me adeus; não consentiu que a acompanhasse, porque isso me podia comprometer. Insisti debalde; e recolhi-me de meu lado quebrado de fadiga e sono.

Em casa de Sá já se dormia quando partimos.

Capítulo IX

Acordei por volta de duas horas, e fui escrever. Depois da noite que passara talvez suponha que fiz versos. Pois engana-se: fiz contas.

Revi o meu livro de assentos, dando balanço à minha fortuna, que então orçava por uma quinzena de contos. Era bem pobre; mas estava independente, formado, no

ardor da mocidade e sem encargos de família. Já tinha a intenção de estabelecer-me aqui; e antes de começar a vida árida e o trabalho sério do homem que visa ao futuro, queria dar um último e esplêndido banquete às extravagâncias da juventude.

Quem melhor do que Lúcia me ajudaria a consumir as migalhas que me pesavam na carteira, e me embelezaria um ou dois meses da vida que eu queria viver por despedida? Separei o necessário para a minha subsistência durante dois anos; e com a fé robusta que se tem aos vinte anos, rico de esperanças, destinei o resto ao festim de Sardanapalo, onde eu devia queimar na pira do prazer a derradeira mirra da mocidade.

Tendo registrado no meu budget, com um simples traço de pena, a importante resolução, saí para matar a sede de ar, de sol e de espaço que sente o homem depois do sono tardio e enervador. Espaciei o corpo pela Rua do Ouvidor; o espírito pelas novidades do dia; os olhos pelo azul cetim de um céu de abril e pelas galas do luxo europeu expostas nas vidraças.

Era um domingo; o ócio dos felizes desocupados tinha ganhado o campo e os arrabaldes. Encontrei por isso poucos conhecidos e fria palestra.

Queria fazer horas para ir ver Lúcia. Com os hábitos de voluptuosa indolência, que tomam as mulheres a quem faltam os cuidados domésticos, não era natural que tão cedo fosse visível. Para ocupar-me dela, entrei em casa do Valais, o joalheiro do bom-tom.

Comprei, não o que desejava, mas o que permitiam as minhas finanças. Só os milionários gozam do prazer de medir a sua liberalidade pela efusão do sentimento; entretanto o desejo avulta justamente onde minguia a fortuna. Tinha escolhido uma dessas galantarias de ouro e brilhantes, que custam algumas centenas de mil-réis, e valem um capricho, uma tentação, um sorriso de prazer.

(...)

A seguir, o professor pode passar para o estudo dos descritores linguísticos estipulados pelo Currículo Mínimo como indicamos a seguir.

1) Identificar as figuras de linguagem presentes na estética romântica

É importante ressaltar para os alunos que, independente do estilo literário, qualquer figura de linguagem pode ser utilizada para se obter recursos expressivos. No entanto, em função das características intrínsecas de cada estética, algumas figuras lhes são mais caras do que outras. No caso do Romantismo, por ser um estilo marcado pela expressão sentimental, é bastante comum que o narrador exagere na manifestação dos sentimentos, utilizando, para isso as hipérboles.

Por outro lado, determinados que estão a idealizar a realidade, é comum caracterizar pessoas e espaços segundo suas próprias concepções, utilizando as palavras em sentido conotativo. Para isso, costumam utilizar metáforas e comparações. O professor pode revisar o conceito de figura de linguagem com a turma e pedir aos grupos que encontrem, ao menos uma, nos capítulos que estão estudando.

Exemplos de figuras de linguagem na prosa romântica	
<p>HIPÉRBOLE</p> <p>“(...)não me resta daquela noite mais do que uma longa sensação de imenso deleite, na qual me sentia <u>afogar</u> num mar de volúpia.”</p> <p>“(...)alheava um homem de si e o fazia <u>viver mais anos em uma hora do que em toda a sua vida</u>”.</p>	<p>SÃO EXPRESSÕES EXAGERADAS, QUE EMBORA NÃO CONSTITUAM A REALIDADE REVELAM A DIMENSÃO DO QUE DISSEMOS.</p> <p>Ex: Bebi um rio de água. (revela o quanto de água eu bebi, mais do que de costume, muito para os padrões normais)</p>
<p>METÁFORA</p> <p>“Era <u>serpente</u> que enlaçava a presa nas suas mil voltas, triturando-lhe o corpo; era <u>vertigem</u> que nos arrebatava a consciência da própria existência,(...)”</p>	<p>COMPARAÇÃO IMPLÍCITA NA QUAL SE RELACIONAM DUAS IDEIAS DIFERENTES EM ÂMBITO CONOTATIVO, MESCLANDO-SE CAMPOS DE SIGNIFICAÇÃO.</p> <p>Ex: Você é uma rosa. (estou relacionando a pessoa a rosa sem explicitar o motivo, que poder o odor, a beleza, a delicadeza, os espinhos etc)</p>
<p>COMPARAÇÃO</p> <p>“Havia na fúria amorosa dessa mulher <u>um quer que seja da rapacidade da fera</u>.”</p>	<p>COMPARAÇÃO EXPLÍCITA NA QUAL SE RELACIONAM DUAS IDEIAS DIFERENTES A RELAÇÃO ENTRE ELES E UTILIZANDO QUE EXPLÍCITE ESSA COMPARAÇÃO.</p> <p>Ex: Você é cheirosa como uma rosa.</p>

2) Identificar os termos essenciais da oração

Por termos essenciais, a Nomenclatura Gramatical Brasileira compreende o sujeito e o predicado. O professor pode começar propondo uma revisão desses termos, perguntando a turma o que eles entendem por termos essenciais.

A partir das respostas, o professor pode construir com a turma uma sistematização dos tipos de sujeito e mostrar-lhes a incoerência da classificação gramatical: apesar de considerado um termo essencial, existe a nomenclatura “oração sem sujeito”. Outro aspecto importante a ser ressaltado é a definição de sujeito proposta por boa parte dos livros didáticos: o sujeito é o termo que mostra quem praticou a ação expressa pelo verbo. Essa, porém, é uma definição semântica e que não se confirma nos casos de voz passiva. Então, o mais acertado seria definir o sujeito como o termo com o qual o verbo concorda.

Em relação aos predicados, o professor pode destacar que os nominais são abundantes nos romances românticos, embora também apareçam os predicados verbais. Isso ocorre em função da necessidade de caracterização do Romantismo. Dessa forma, a presença de verbos de ligação e predicativos não é apenas uma escolha, mas sim uma exigência do estilo. Além disso, é interessante que os alunos percebam que os predicados verbo-nominais também são muito característicos dessa estética, já que, por meio deles, temos a ação, essência do gênero narrativo, e a caracterização, essência da narrativa romântica.

O professor pode, então, construir em conjunto com a turma uma sistematização dos tipos de predicado e conduzir uma atividade de identificação/classificação dos termos essenciais a partir da leitura de um trecho da narrativa. É importante enfatizar, sempre, o valor destas estruturas sintáticas no contexto em que aparecem.

O excerto a seguir, por exemplo, é parte do segundo capítulo e narra o que sucedeu após o primeiro contato entre Paulo e Lúcia.

Capítulo II

(...)

Não preciso dizer-lhe, pois adivinha, que acabava de fazer uma triste figura. Não sou tímido; ao contrário, peço por desembaraçado. Mas, nessa ocasião, diversas circunstâncias me tiravam do meu natural. A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortês franca e impudente; o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia, junto à vaga reminiscência do meu espírito, me preocupavam sem querer. Atribuo a isto ter eu apenas balbuciado algumas palavras durante a conversa, e haver cortejado respeitosamente a senhora, que apesar de tudo ainda me aparecia nesta mulher, mal a voz lhe expirava nos lábios, porque, então, o desdém que vertia de sua frase volúbil passava, e o semblante em repouso tomava uns ares de meiga distinção.

A festa continuou, e fomos acabá-la em uma alegre reunião, onde se dançou e brincou até duas horas da noite.

Quando apaguei a minha vela ao deitar-me, na dúbia visão que oscila entre o sono e a vigília, foi que desenhou-se no meu espírito em viva cor a reminiscência que despertara em mim o encontro de Lúcia. Lembrei-me então perfeitamente quando e como a vira a primeira vez.

Fora no dia da minha chegada. Jantara com um companheiro de viagem, e ávidos ambos de conhecer a corte, saímos de braço dado a percorrer a cidade. Íamos, se não me engano, pela Rua das Mangueiras, quando, voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo, e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates. Havia nessa atitude cheia de abandono muita graça; mas graça simples, correta e harmoniosa; não desgarro com ares altivos, decididos, que afetam certas mulheres à moda.

Tipos de sujeito		
SIMPLES	É aquele que possui apenas um núcleo.	“ <u>A festa</u> continuou (...)”
COMPOSTO	É aquele que possui mais de um núcleo.	“ <u>A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto,</u> ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortesia franca e impudente”
OCULTO (SIMPLES DESINENCIAL)	É aquele evidenciado pela desinência verbal, não expresso formalmente na frase.	“Lembrei-me então perfeitamente quando (...)” (a desinência em destaque revela-nos um sujeito de primeira pessoa do singular)
ORAÇÃO SEM SUJEITO	Ocorre nos seguintes casos: verbos que exprimem fenômenos da natureza; verbo “haver” com sentido de existir; verbo “fazer” no sentido de tempo transcorrido; verbo “ser” na indicação de horas.	“ <u>Havia</u> nessa atitude cheia de abandono muita graça” (nesse caso, temos uma oração sem sujeito devido à presença do verbo haver com o sentido de existir)

Tipos de predicado		
VERBAL	Predicado cujo núcleo é um verbo nocional, ou seja, de ação.	“Quando apaguei a minha vela ao deitar-me (...)” (o verbo em destaque expressa uma ação, é o núcleo desse predicado)
NOMINAL	Predicado cujo núcleo é um nome, ou seja, um predicativo (termo que, no predicado, caracteriza o sujeito). Os verbos do predicado nominal são chamados de verbo de ligação ou não-nocionais.	“Não sou tímido (...)” (o sujeito desinencial “eu” é caracterizado pelo predicativo “tímido”, núcleo do predicado).
VERBO-NOMINAL	Predicado cujos núcleos são dois: o verbo de ação e o predicativo do objeto (termo que caracteriza o objeto)	_____

3) Reconhecer mecanismos de coesão referencial e sequencial

Por coesão referencial, devemos compreender os mecanismos responsáveis por fazer elementos do texto se referir a outros, evitando assim a repetição desnecessária de palavras e agregando objetividade ao texto. Observando os cinco primeiros parágrafos do trecho destacado do capítulo VIII de “Lucíola”, nota-se que o nome Lúcia, personagem da qual se fala, só parece uma única vez. A compreensão só é possível porque o autor utilizou corretamente alguns mecanismos de coesão referencial, evitando que seu texto fixasse prolixo e cansativo. Reproduzimos o trecho abaixo e, entre parênteses e em destaque, inserimos alguns comentários.

(...)

Havia na fúria amorosa dessa mulher (**essa mulher já fora citada antes**) um quer que seja da rapacidade da fera.

Sedenta de gozo, era preciso que o bebesse por todos os poros, de um só trago, num único e imenso beijo, sem pausa, sem intermitência e sem repouso. Era serpente que enlaçava a presa nas suas mil voltas, triturando-lhe o corpo; era vertigem (**essas duas metáforas e a utilização da terceira pessoa do verbo “ser” indicam que estamos falando de alguém que já fora citado anteriormente**) que nos arrebatava a consciência da própria existência, alheava um homem de si e o fazia viver mais anos em uma hora do que em toda a sua vida.

A aspereza e feroz irritabilidade da véspera se dissipara. O seu amor (**a terceira pessoa do pronome possessivo mantém a referência a Lúcia**) tinha agora sensações doces e aveludadas, que penetravam (refere-se a sensações doces e aveludadas) os seios d’alma, como se a alma tivera tato para senti-las.

Não fui eu que possuí essa mulher; e sim ela (**referências a Lúcia**) que me possuiu todo, e tanto, que não me resta daquela noite mais do que uma longa sensação de imenso deleite, na qual me sentia afogar num mar de volúpia.

Quando o primeiro raio da manhã tremulando entre as folhas rendadas veio esclarecer-nos, Lúcia, (**somente agora Alencar cita textualmente o nome**) reclinada a face na mão, me olhava (**o sujeito desinencial também é um recurso referencial**) com o ressumbro de doce melancolia, que era a flor de seu semblante em repouso. Embebendo o olhar no meu, procurou o pensamento no fundo de minha alma. Sorri; ela corou; mas desta vez entravam também no rubor os toques vivaces do júbilo que iluminou-lhe a fronte. (**iluminou a fronte dela**) Incompreensível mulher!

O professor pode entregar esse trecho à turma e pedir-lhes que examinem as palavras ou expressões que se referem à Lúcia, como fizemos acima. Para comprovar a importância desse recurso, o professor pode pedir que os alunos reescrevam esse trecho substituindo todas as expressões em destaque pelo nome “Lúcia”, evidenciando o quanto o texto fica empobrecido quando os recursos de coesão referencial não são bem utilizados.

Já por coesão sequencial, entendemos os procedimentos linguísticos responsáveis por ligar as partes do texto, formando um todo coerente. Ainda no trecho destacado acima, os alunos devem observar que cada parágrafo obedece a uma sequência lógica proposta pelo parágrafo anterior. Essa lógica pode ser obtida por meio da manutenção do conteúdo, expandindo-o, ou por meio de marcas linguísticas específicas.

No caso do trecho em análise, os quatro primeiros parágrafos referem-se à descrição da noite de amor de Paulo e Lúcia, mostrada em detalhes pelo narrador, que ainda parece extasiado. O quinto parágrafo, por sua vez, inicia-se com o marcador temporal “quando”, responsável por expressar linguisticamente a passagem do tempo na narrativa e a mudança de assunto, pois agora o narrador passa a descrever os momentos após a noite de amor, quando acordam na casa de Sá.

Para ajudá-los nessa percepção, o professor pode pedir que os alunos dividam esse trecho em dois momentos, sem mencionar quais. O objetivo é que eles mesmos percebam “o durante e o depois”, obtidos por meio da coesão sequencial. A partir das respostas, o professor pode apresentar a divisão aqui proposta e introduzir o conceito de coesão referencial⁷

⁷ Além das estratégias apresentadas, o professor pode fazer uso das ideias do plano de aula disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=6995>

PASSO 4: O ROMANCE ROMÂNTICO E A ATUALIDADE

Evidenciar a atualidade do Romantismo é uma tarefa que estamos desenvolvendo desde o ciclo anterior. Isso é importante porque mostra para os alunos que a Literatura é dinâmica e, acompanhando os movimentos sociais, está a todo tempo se renovando e se reinventando, aproveitando-se do passado para construir o presente. Pensando nisso, apresentaremos dois exemplares de obras atuais que se relacionam ao Romantismo.

O professor pode mostrar esses textos para os alunos sem identificá-los diretamente e pedir a eles que os relacionem ao Romantismo, seguindo o seguinte esquema:

- a) Identificar a obra com a qual se relaciona;
- b) Identificar os elementos ligados ao Romantismo;
- c) Identificar os elementos ligados à atualidade;
- d) Identificar, se houver, a crítica presente nessa relação;

Texto 1⁸ - Pôster do filme “Iracema, uma transa amazônica”



⁸ Imagem disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Iracema-uma-transa-amazonica-poster01.jpg>

Relacionando-se diretamente à obra “Iracema, uma lenda do Ceará”, romance indianista de Alencar publicado em 1865, o filme de 1974, de Jorge Bodanzky, Orlando Senna e Wolf Gauer, opõe-se à propaganda oficial da época sobre a Amazônia, revelando as queimadas, o trabalho escravo e a prostituição infantil através da história da menina ribeirinha Iracema que, atraída pela cidade grande e pela lábia do motorista de caminhão Tião Brasil Grande, acaba se prostituindo às margens da rodovia Transamazônica.

Sem dúvida, não apenas o nome da personagem e sua caracterização física remetem à heroína de Alencar, mas também o fato de haver na história o encontro de dois mundos distintos: o índio e o branco no livro, o rural e o urbano no filme. A referência à famosa marca de refrigerante no pôster do filme também atualiza a personagem romântica, denunciando a influência americana dos tempos atuais.

Texto 2⁹ - Reportagem (Revista Literatura)

José de Alencar & Manoel Carlos: cronistas do cotidiano

Separados por mais de dois séculos, o autor romântico José de Alencar e o teledramaturgo Manoel Carlos têm perfis literários paralelos.

Manoel Carlos, romancista da Rede Globo, é comparado, nesta reportagem, ao romancista José de Alencar a partir de um traço comum: as protagonistas femininas. Ambos exploram perfis de mulheres fortes e batalhadoras que, resguardadas as diferenças de cada época, constituem ícones femininos.

Se José de Alencar cria os seus “perfis de mulher”, com a trilogia “Senhora”, “Diva” e “Lucíola”, cujas protagonistas, ainda que românticas, destoam de suas contemporâneas pelas atitudes e comportamento arrojado, Manoel Carlos dá vida as suas “Helenas” como mulheres de personalidades emblemáticas. O romancista busca



⁹ A reportagem completa está disponível em <http://conhecimentopratico.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/23/artigo134479-2.asp>

identificação entre as Helenas e o público, optando por tramas que retratem o cotidiano. Além disso, Manoel Carlos e José de Alencar também partilham o espaço de suas tramas: o centro urbano do Rio de Janeiro.

Além dessas relações, o foco sobre a obra “Lucíola” permite pensar em outras manifestações artísticas. A prostituição, há muito presente na sociedade, serve como tema para a narrativa de José de Alencar. O próprio autor, ao longo do texto faz menção à obra *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho (1848), que provavelmente serviu como sua inspiração. O romance de Dumas traz como enredo o amor de um jovem por uma prostituta. O relacionamento, porém, é impossibilitado pelas barreiras sociais. Na obra de Alencar, em dado momento, a personagem Lúcia é flagrada por Paulo no momento em que está lendo esse livro, o que é mais uma evidência do diálogo entre esses textos.

Pode-se perceber que, apesar de ser uma questão muito antiga, a prostituição é reapresentada em diferentes segmentos. São filmes, livros e novelas que, reescrevendo essa temática de formas distintas ou até mesmo similares, atualizam o tema.

No trabalho com os alunos, pode ser produtivo mostrar algumas dessas manifestações e tentar promover diálogos com o romance “Lucíola”. No quadro a seguir, selecionamos alguns exemplos.

Manifestações que podem dialogar com a obra “Lucíola”, de José de Alencar		
<p>Filme “Uma linda mulher” (1990)</p>	<p>O homem rico vivido por Richard Gere pede ajuda a uma prostituta, vivida por Julia Roberts, e a contrata por uma semana para que ela possa acompanhá-lo em seus compromissos sociais. Para isso, ele precisa transformá-la numa mulher elegante e, aos poucos, essa relação financeira dá espaço para um relacionamento amoroso.</p>	 <p>Cartaz do filme “Uma Linda mulher”, comédia romântica americana.</p> <p>Imagem disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Pretty_woman_movie.jpg</p>
<p>Romance “Hilda Furacão”¹⁰ (1991)</p>	<p>O romance de Roberto Drummond traz a história de uma jovem de classe média de uma tradicional família de Belo Horizonte, que após ter uma revelação de uma cartomante desiste do casamento, rompe com a família e vai viver entre prostitutas. Ela, então, passa a ser conhecida como Hilda Furacão. O livro de Drummond inspirou a minissérie “Hilda Furacão”, criada pela Rede Globo.</p>	 <p>A atriz Ana Paula Arósio interpretou Hilda Furacão na minissérie brasileira exibida pela Rede Globo em 1998, baseada no livro de Roberto Drummond.</p> <p>Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_paula_ar%C3%B3sio</p>

<p>Livro “O Doce Veneno do Escorpião – O Diário de uma Garota de programa” (2005)</p>	<p>O texto trata da vida de uma jovem de classe média sem problemas financeiros que, descobrindo-se filha adotiva, foge de casa, passa a usar drogas, assume o nome de Bruna Surfistinha e passa a fazer programas para sobreviver. O livro traz detalhes das várias experiências vividas por ela com seus clientes. O livro foi adaptado para o cinema em 2010, tendo a atriz Déborah Secco no papel da protagonista.</p>	<div data-bbox="1050 387 1422 757" data-label="Image"> </div> <p>Raquel Pacheco também conhecida como Bruna Surfistinha.</p> <p>Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bruna_Surfistinha</p>
<p>Novela “Paraíso Tropical” (2007)</p>	<p>A personagem Bebel, vivida por Camila Pitanga, envolve-se com o cafetão e passa a trabalhar como prostituta no calçadão de Copacabana. Apesar de ter vários envolvimento amorosos, ela acaba se apaixonando por um de seus clientes, Olavo, vivido por Wagner Moura. Na época de sua exibição, a personagem se tornou muito popular, lançando até o bordão “De categoria!”.</p>	<div data-bbox="1023 1025 1453 1361" data-label="Image"> </div> <p>Logo da novela de Gilberto Braga, Ricardo Linhares e colaboradores, exibida em 2007 pela Rede Globo.</p> <p>Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ParaísoTropical2007.jpg</p>

<p>Filme “Sonhos Roubados” (2009)</p>	<p>Baseado no livro de Eliane Trindade “As meninas da esquina - diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil”, o filme mostra a história de três jovens moradoras de uma comunidade carioca que descobrem na prostituição um meio de realizarem seus desejos de consumo.</p>	 <p>Cartaz do filme dirigido por Sandra Werneck.</p> <p>Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sonhos_Roubados.jpg</p>
<p>Novela “Salve Jorge” (2013)</p>	<p>Morena (Nanda Costa) e Théó (Rodrigo Lombardi) têm um relacionamento conturbado, e nessas idas e vindas, Morena recebe uma proposta de trabalhar no exterior, acreditando que conseguirá uma vida melhor para sua família. No entanto, ela acaba sendo traficada e obrigada a se prostituir. Em sua volta ao Brasil, a vergonha por ter se prostituído, mesmo que obrigada, torna-se mais um obstáculo em sua vida amorosa com Théó.</p>	 <p>A novela tem a atriz Nanda Costa no papel da protagonista Morena.</p> <p>Imagem disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Salve_Jorge</p>

Ao final da primeira sequência didática, espera-se que o aluno consiga compreender a manifestação da estética romântica na prosa, relacionando o contexto social e cultural da época com o estilo observado na obra em foco. Além disso, é importante que o professor avalie se o aluno desenvolveu a habilidade de identificar as figuras de linguagem mais abundantes do Romantismo. Concentrando-se no eixo de uso

da língua, vale observar se a turma reconhece adequadamente os termos essenciais da oração e os mecanismos de coesão referencial e sequencial.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: A RESENHA	
<p>Saber defender suas ideias é, sem dúvida, uma habilidade essencial e, por isso, o Currículo Mínimo busca apresentar aos alunos variados gêneros textuais cuja finalidade seja a estruturação e defesa de um ponto de vista. Nesta sequência, então, trataremos da resenha, gênero que demanda do aluno a compreensão do texto-base, bem como a elaboração de uma opinião sobre ele.</p>	
Eixo Leitura	<ul style="list-style-type: none">• <i>Reconhecer na resenha a finalidade de expor criticamente um ponto de vista sobre manifestações artísticas.</i>
Eixo Uso da Língua	<ul style="list-style-type: none">• <i>Empregar adjetivos valorativos e advérbios como mecanismo de introdução do juízo de valor e recurso modalizador</i>
Eixo Produção Textual	<ul style="list-style-type: none">• <i>Produzir resenhas dos romances estudados, relacionando-os à discussão de paradigmas e temas da atualidade.</i>

PASSO 1: CARACTERIZANDO A RESENHA

Um dos principais objetivos das aulas de Língua Portuguesa é desenvolver nos alunos as habilidades necessárias para o desenvolvimento do senso crítico, requisito fundamental para plena vivência da cidadania. No entanto, não basta apenas ser crítico, é essencial saber expressar sua opinião de forma clara e defendê-la com argumentos coerentes, seja por meio de um texto oral ou escrito. Para isso, é preciso conhecer bem o assunto de que se está tratando.

A fim de desenvolver essa habilidade, o Currículo Mínimo propõe o estudo do gênero resenha durante a segunda série do Ensino Médio, quando os alunos já estão mais maduros e instrumentalizados no âmbito da escrita para estruturarem um raciocínio argumentativo. Visando a integração entre o ensino de língua, literatura e redação, o Roteiro de Atividades deste ciclo sugere a produção de resenhas a partir de romances românticos.

Para os alunos perceberem as características desse gênero é importante que eles tenham contato com resenhas, pois somente a leitura permite a compreensão plena de qualquer gênero textual. Se levarmos em consideração que eles, no ciclo anterior, estudaram os resumos, será bastante útil que eles retomem esse gênero para, a partir da comparação, caracterizarem as resenhas. Por isso, o professor deve partir da leitura de um resumo e, em seguida, propor a resenha do mesmo texto que foi resumido. É importante pedir aos alunos que anotem as diferenças e semelhanças entre ambos.

Dinâmica Introdutória	
1º Momento	Leitura de resumos e de resenhas Ler um exemplar de cada gênero irá auxiliá-los na caracterização das resenhas
2º Momento	Caracterização do gênero Em conjunto com o professor, os alunos devem identificar semelhanças e diferenças entre resumos e resenhas.

Sugerimos um resumo e uma resenha do romance “Senhora”, de José de Alencar. Trata-se de um romance de 1875, que compõe a série de perfis de mulher juntamente com “Lucíola” e “Diva”. A título de curiosidade, o professor pode falar com a turma sobre a novela “Essas mulheres”¹¹, exibida pela TV Record em 2005, na qual os autores criaram uma trama em que as três protagonistas de Alencar têm suas vidas entrelaçadas. Na abertura da novela, mais uma referência a Alencar: ao final, as protagonistas aparecem em perfil.

Em “Senhora”, a protagonista Aurélia Camargo, moça pobre e batalhadora vê seu amor Fernando Seixas trocá-la por uma mulher rica. Ela, no entanto, enriquece e consegue, por intermédio de Lemos, “comprá-lo”. Seixas só descobre que o objetivo de Aurélia era humilhá-lo na noite de núpcias. Somente ao final do livro, eles vivenciam o amor.

RESUMO¹²

Aurélia é uma jovem de origem humilde que era apaixonada por Fernando Seixas, que a troca pelo dote de Adelaide. Aurélia se tornou rica com a morte do avô Lourenço. Da noite para o dia, Aurélia se tornou o centro das atenções nos salões do Rio de Janeiro. Sua mãe morrera, seu pai também e ela ficou sob a tutela de tio Lemos e de D. Firmina, uma parenta afastada. Aurélia nunca deixou de amar Fernando e, sendo rica, compra-o por intermédio de seu tio e tutor Lemos.

A compra se mostra como uma verdadeira transação comercial, com contrato e recibo. Fernando não sabia que estava sendo vendido para seu antigo amor. Só fica sabendo dias antes do casamento com Aurélia e fica muito feliz. Aurélia o trata muito bem antes do casamento, porém, na noite de núpcias, ela o ofende e diz que ele é um “vendido”, que não era seu esposo e sim seu escravo. Vivem um casamento de aparências. Diante do público mostravam-se ser o casal mais feliz possível, mas, na verdade, viviam como desconhecidos.

Fernando, tendo o orgulho ferido, trabalha duramente para pagar sua liberdade e consegue após 11 meses. Paga com juros. Aurélia propõe que tudo seja esquecido e diz

¹¹ O primeiro capítulo da novela pode ser visto em <http://www.youtube.com/watch?v=Lmhp7F6qRnc>
Abertura da novela: <http://www.youtube.com/watch?v=Ox8Hdu07N2c>

¹² Disponível em <http://pt.shvoong.com/books/classic-literature/2044717-resumo-liter%C3%A1rio-da-obra-senhora/>

que nunca deixou de amar Fernando. Ele, porém, se recusa, até que Aurélia, para demonstrar seu amor, mostra-lhe que depois do casamento, ela o instituirá herdeiro universal de sua fortuna. Então, eles passaram a viver aquele amor ardente e fulminante que existia há muitos anos.

RESENHA ¹³

Aurélia: uma consagração da imagem da mulher

Publicada em 1875, *Senhora* é uma das últimas obras da carreira de José de Alencar. Ao tematizar o casamento como forma de ascensão social, o autor abre discussão sobre certos valores e comportamentos da sociedade carioca, resultantes de um capitalismo emergente em meados do século XIX no Brasil. Sob o argumento de que a literatura constitui uma forma especial de expressar e transmitir uma mensagem, caracterizando-se pela plurifuncionalidade que o discurso poético atinge ao veicular as informações e ideologias, expressas pela organização de elementos específicos que regem a narratividade, pode-se dizer que são esses elementos esquematizados que determinam as concretizações específicas do leitor. Assim, há em *Senhora* uma análise em profundidade de certos temas delicados do contexto social daquela época, em que são abordados os temas do casamento por interesse, da ascensão social a qualquer preço e principalmente a independência feminina.

Apresentando severas críticas à hipocrisia de seu tempo, pois questiona o uso do dote que regia os casamentos da época e o papel a que a mulher era submetida, sendo preterida em seu amor dependendo das condições financeiras, *Senhora* é considerado um romance brasileiro precursor de discurso feminista. Porém, embora identifique um perfil feminino que se rebela contra a hegemonia dominante masculina, Aurélia configura-se como uma mulher ativa, forte e capaz de suplantar o domínio masculino por possuir aquilo que a sociedade impunha (o dinheiro) ao mesmo tempo em que é uma frágil romântica cuja aparente força advinda da vingança e do dinheiro não é suficiente para configurá-la como marco de identidade feminina. É o que ocorre quando Alencar insere o narrador na história, procurando entender as motivações e as angústias da alma de Aurélia, mas ciente das limitações e do alcance da obra literária, “limita-se a referir o que sabe, deixando à sagacidade de cada um atinar com a verdadeira causa de impulsos tão encontrados”.

Aurélia, ao longo do romance, adota uma postura masculina, pois escolhe seu marido, praticamente o compra com seu dote, é autônoma de seus atos, rege liderança sobre seus bens, família e sobre toda a casa. Como senhora adquiriu uma posição masculinizada, pois o tratamento de “senhor” era atribuído aos homens. Alencar argumenta que “a natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que não se atinge ao vigoroso raciocínio do homem”, ou seja, foge dos

13

□ Adaptado de FERREIRA, Silvana Rodrigues Quintilhano. *Aurélia: uma consagração da imagem dual da mulher*. Disponível em: http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/008.html.

preceitos de que a “última palavra” é a do homem, pois possui o “dom” da persuasão. O mito de mulher “pura/impura” está impregnado em nossa sociedade, desde os textos bíblicos, as tragédias gregas, as bruxas, as prostitutas, na qual enfatiza que o feminino se personifica no anjo ou demônio. Essas imagens geralmente aparecem na literatura de forma dualista, ora idealizada, ora demoníaca que oscila entre a adoração e a condenação.

Podemos perceber que Aurélia durante toda a narrativa, assume uma postura diferenciada das mulheres burguesas do século XIX, burlando as regras sociais, autoritária e sedutora, mas consagra-se no final do romance à imagem e semelhança de Maria, redentora, boa esposa. Como relata Rodrigues e Silva,

“O romance romântico dirigia-se a um público mais restrito do que o atual; eram moços e moças provindos das classes altas e médias, assim, esses leitores tinham algumas exigências como reencontrar, muitas vezes a própria e convencional realidade e projetar-se como herói ou heroína em peripécias, com o que não se depara a média dos mortais. Assim, muitas leitoras de folhetins sonhavam e se imaginavam no lugar e na posição de Aurélia, e até mesmo de Lúcia”. (p.1)

Entretanto, é devido à recepção que a obra literária alcança que podemos dizer que não ocorre a configuração da identidade feminina na personagem Aurélia, pois a vingança que a move não lhe atribui nada que a destaque se comparada ao universo masculino, ao contrário, representa-a como uma pessoa revoltada que não conseguiu superar uma humilhação, ou seja, ela se inferioriza pelos seus atos, o que não seria bem aceito pelo público de então. Ao se dispor a comprar Seixas, Aurélia nada lucrou, pois no dia de suas núpcias tinha plena consciência de que o amava, de forma que a revelação de seu amor ao marido na conciliação quando este devolveu o dinheiro, não significa que houve amadurecimento e crescimento de sua parte, mas apenas a comprovação de que ela sofreu onze meses por motivo torpe, que só diminui a pessoa; pelo contrário, cedeu espaço para que Seixas se destacasse, se redimisse e conquistasse mais motivos para que fosse amado por ela, confirmando a hegemonia masculina da época.

“Senhora” pode ser um marco a identificar um perfil feminino que se rebelou contra as imposições morais e sociais vigentes, servindo como elemento de denúncia, mas está aquém de configurar a identidade feminina na literatura brasileira no campo da emancipação da mulher do domínio masculino. Coelho historicamente conceitua o Romantismo como:

“Fase em que a sublimação heróica da paixão é assimilada pela Sociedade como valor básico do comportamento ético-amoroso. [Consagração da imagem dual da mulher – pura/impura-, escolha dependente de uma de vontade consciente (heroínas românticas) ou por

imposições feita à mulher por circunstâncias sociais injustas e adversas - as decaídas.” (2000, p.93)

Concluimos que nossa heroína enquanto se reveste da postura masculina, sendo senhora, impregna-se de impureza e para sua purificação foi designada a se redimir e pedir perdão, postulando a “sublimação heróica da paixão” do século XIX, que funcionava como uma ideologia de regulamentação de comportamento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. *500 anos de presença da mulher na literatura em Portugal e Brasil – A literatura como memória*. Disponível em: <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/LCA/lca2703.htm>.

RODRIGUES, Renata Rena, SILVA, Francis Paulina Lopes da. *O outro papel da mulher em José de Alencar e Roberto Drummond*. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2703.htm>.

Após a leitura, o professor deve levar os alunos a perceber que, no resumo, não há qualquer tipo de avaliação sobre a história ou algum de seus personagens. Trata-se, apenas, de relatar os aspectos principais da narrativa, incluindo o seu final. As resenhas, entretanto, além de também contarem a história, têm a função essencial de emitirem juízos de valor sobre o texto resenhado, emitindo uma opinião geral sobre o livro ou atentando-se a algum aspecto específico. A comparação entre esses gêneros pode ser sintetizada no quadro a seguir:

Quadro comparativo entre os gêneros resumo e resenha	
RESUMO	RESENHA
APRESENTA A SÍNTESE DE UM TEXTO (FILMES, PEÇAS, ETC) POR MEIO SUAS IDEIAS PRINCIPAIS.	ALÉM DE APRESENTAR AS IDEIAS PRINCIPAIS DE UM TEXTO (FILMES, PEÇAS ETC), DEVE AVALIÁ-LO.
UTILIZAÇÃO DA TERCEIRA PESSOA DO DISCURSO	UTILIZAÇÃO DE TERCEIRA PESSOA (MAIS FORMAL) OU DA PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO.
AUSÊNCIA DE OPINIÃO	OPINIÃO DO RESENHISTA BEM FUNDAMENTADA.

CLAREZA, OBJETIVIDADE	CLAREZA, OBJETIVIDADE
REFERÊNCIA AO TEXTO-BASE LOGO NO INÍCIO.	REFERÊNCIA AO TEXTO-BASE LOGO NO INÍCIO.
OBS: PARA FAZER UMA BOA RESENHA OU UM BOM RESUMO É ESSENCIAL A LEITURA E A PLENA COMPREENSÃO DO TEXTO-BASE.	

PASSO 2: A LINGUAGEM DAS RESENHAS

Depois de compreenderem o objetivo de uma resenha, é importante que os alunos conheçam os recursos linguísticos que caracterizam as resenhas, ou seja, de que forma a Língua Portuguesa contribui para a expressão de uma opinião. Para isso, o professor pode aproveitar a resenha utilizada anteriormente e propor, em grupo, uma análise linguística dividida em três etapas, a saber:

1. **Identificar vocábulos utilizados para marcar a modalização do discurso e emitir juízos de valor;**
2. **Identificar opiniões defendidas pelo resenhista e os argumentos utilizados;**
3. **Identificar opiniões de outros autores utilizadas pelo resenhista.**

O objetivo dessa atividade é mostrar aos alunos que, nas resenhas, para conferir força aos seus argumentos, o resenhista costuma utilizar as ideias de outros autores. Essas ideias podem se manifestar na resenha de modo mais ou menos direto. Uma sugestão de atividade seria propor aos grupos que destacassem, no próprio texto, cada um desses movimentos mencionados acima utilizando, por exemplo, cores diferentes, como fizemos a seguir.

Reapresentação da resenha com destaque de suas características

Aurélia: uma consagração da imagem da mulher

Publicada em 1875, Senhora é uma das últimas obras da carreira de José de Alencar. Ao tematizar o casamento como forma de ascensão social, o autor abre discussão sobre certos valores e comportamentos da sociedade carioca, resultantes de um capitalismo emergente em meados do século XIX no Brasil. Sob o argumento de que a literatura constitui uma forma especial de expressar e transmitir uma mensagem, caracterizando-se pela plurifuncionalidade que o discurso poético atinge ao veicular as informações e ideologias, expressas pela organização de elementos específicos que regem a narratividade, pode-se dizer que são esses elementos esquematizados que determinam as concretizações específicas do leitor. Assim, há em Senhora uma análise em profundidade de certos temas delicados do contexto social daquela época, em que são abordados os temas do casamento por interesse, da ascensão social a qualquer preço e principalmente a independência feminina.

Apresentando severas críticas à hipocrisia de seu tempo, pois questiona o uso do dote que regia os casamentos da época e o papel a que a mulher era submetida, sendo preterida em seu amor dependendo das condições financeiras, Senhora é considerado um romance brasileiro precursor de discurso feminista. Porém, embora identifique um perfil feminino que se rebela contra a hegemonia dominante masculina, Aurélia configura-se como uma mulher ativa, forte e capaz de suplantar o domínio masculino por possuir aquilo que a sociedade impunha (o dinheiro) ao mesmo tempo em que é uma frágil romântica cuja aparente força advinda da vingança e do dinheiro não é suficiente para configurá-la como marco de identidade feminina. É o que ocorre quando Alencar insere o narrador na história, procurando entender as motivações e as angústias da alma de Aurélia, mas ciente das limitações e do alcance da obra literária, “limita-se a referir o que sabe, deixando à sagacidade de cada um atinar com a verdadeira causa de impulsos tão encontrados”.

Aurélia, ao longo do romance, adota uma postura masculina, pois escolhe seu marido, praticamente o compra com seu dote, é **autônoma** de seus atos, rege liderança sobre seus bens, família e sobre toda a casa. Como senhora adquiriu uma posição masculinizada, pois o tratamento de “senhor” era atribuído aos homens. Alencar argumenta que “a natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que não se atinge ao vigoroso raciocínio do homem”, ou seja, foge dos preceitos de que a “última palavra” é a do homem, pois possui o “dom” da persuasão. **O mito de mulher “pura/impura” está impregnado em nossa sociedade, desde os textos bíblicos, as tragédias gregas, as bruxas, as prostitutas, na qual enfatiza que o feminino se personifica no anjo ou demônio. Essas imagens geralmente aparecem na literatura de forma dualista, ora idealizada, ora demoníaca que oscila entre a adoração e a condenação.**

Podemos perceber que Aurélia durante toda a narrativa, assume uma postura diferenciada das mulheres burguesas do século XIX, burlando as regras sociais, autoritária e sedutora, mas consagra-se no final do romance à imagem e semelhança de Maria, redentora, boa esposa. Como relata Rodrigues e Silva,

“O romance romântico dirigia-se a um público mais restrito do que o atual; eram moços e moças provindos das classes altas e médias, assim, esses leitores tinham algumas exigências como reencontrar, muitas vezes a própria e convencional realidade e projetar-se como herói ou heroína em peripécias, com o que não se depara a média dos mortais. Assim, muitas leitoras de folhetins sonhavam e se imaginavam no lugar e na posição de Aurélia, e até mesmo de Lúcia”. (p.1)

Entretanto, é devido à recepção que a obra literária alcança que podemos dizer que **não** ocorre a configuração da identidade **feminina** na personagem Aurélia, pois a vingança que a move não lhe atribui nada que a destaque se comparada ao universo **masculino**, ao contrário, representa-a como uma pessoa revoltada que não conseguiu superar uma humilhação, ou seja, ela se inferioriza pelos seus atos, o que não seria bem aceito pelo público de então. Ao se dispor a comprar Seixas, Aurélia nada lucrou, pois no dia de suas núpcias tinha plena consciência de que o amava, de forma que a revelação de seu amor ao marido na conciliação quando este devolveu o dinheiro, não significa que houve amadurecimento e crescimento de sua parte, mas apenas a comprovação de que ela sofreu onze meses por motivo torpe, que só diminui a pessoa; pelo contrário, cedeu espaço para que Seixas se destacasse, se redimisse e conquistasse mais motivos para que fosse amado por ela, confirmando a hegemonia masculina da época.

“Senhora” pode ser um marco a identificar um perfil feminino que se rebelou contra as imposições morais e sociais vigentes, servindo como elemento de denúncia, mas está aquém de configurar a identidade **feminina** na literatura brasileira no campo da emancipação da mulher do domínio **masculino**. Coelho historicamente conceitua o Romantismo como:

“Fase em que a sublimação heróica da paixão é assimilada pela Sociedade como valor básico do comportamento ético-amoroso. [Consagração da imagem dual da mulher – pura/impura – escolha dependente de uma de vontade consciente (heroínas românticas) ou por imposições feita à mulher por circunstâncias sociais injustas e adversas - as decaídas.” (2000, p.93)

Concluimos que nossa heroína enquanto se reveste da postura **masculina**, sendo senhora, impregna-se de **impureza** e para sua **purificação** foi designada a se redimir e pedir perdão, postulando a “sublimação heróica da paixão” do século XIX, que funcionava como uma ideologia de regulamentação de comportamento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. Senhora. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. 500 anos de presença da mulher na literatura em Portugal e Brasil – A literatura como memória. Disponível em: <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/LCA/Ica2703.htm>.

RODRIGUES, Renata Rena, SILVA, Francis Paulina Lopes da. *O outro papel da mulher em José de Alencar e Roberto Drummond*. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/Ica2703.htm>.

O importante é que os grupos criem suas legendas e empenhem-se em lançar sobre o texto um olhar mais analítico.

Após a tarefa, o professor pode mostrar a eles que são os adjetivos e os advérbios as classes de palavras mais utilizadas para marcar e veicular opiniões, aparecendo em todo o texto. A todo o momento, a autora também faz referências temporais, deixando claro que sua análise refere-se a um livro publicado no Brasil do século XIX. Essa informação é importante, porque influi diretamente na tônica da análise, uma vez que o comportamento de Aurélia não faria o menor sentido nos dias de hoje. Sua ousadia só se explica naquela época. Hoje, não faria qualquer sentido.

Em relação aos adjetivos, nota-se que a resenha é composta por adjetivos de caráter opinativo, responsáveis por caracterizar o comportamento dual de Aurélia ao longo da narrativa: “altiva, forte e capaz” X “frágil e romântica”. Além disso, para contrapor os dois universos que compõem o livro, é marcante a presença de adjetivos como “masculino” e “feminino”.

Os trechos destacados em verde são responsáveis pela veiculação das opiniões da autora da resenha, que a expõe de maneira bastante clara e direta, embasando-se nas ideias de teóricos da Literatura (trechos destacados em vermelho). No caso dessa resenha, a autora defende uma ideia diferente daquela mais comum sobre o romance de Alencar.

Para ela, “Senhora” não seria um marco feminista, uma vez que suas motivações de vingança resultaram na possibilidade de Seixas se redimir, permitindo que a mulher se rendesse ao amor. Para ratificar essa ideia, a autora vale-se de considerações de outros estudiosos do Romantismo, conferindo à resenha uma argumentação mais sólida. Nesse momento, vale destacar para os alunos que, apesar de termos o direito de discordar dela, não é possível questionar o valor de seu argumento. Percebe-se, pois, que a referência a outros autores é um recurso bastante produtivo, embora não seja obrigatório.

Depois de discutirem a importância de cada um desses elementos destacados, o professor pode solicitar a um dos grupos que leia a resenha suprimindo os elementos destacados. Como resultado, eles poderão verificar que restarão apenas informações descritivas, como as referências ao texto base e o resumo do livro. Sendo assim, mais uma vez ficará claro para eles que os elementos em destaque caracterizam as resenhas e que, sem eles, temos apenas um resumo.

PASSO 3: PRODUZINDO RESENHAS

Um ponto fundamental diz respeito à organização do texto e, para mostrar isso, o professor pode, havendo disponibilidade da escola, projetar para a turma um texto (que pode ser a mesma mostrada aqui) com a ordem dos parágrafos alterada, de modo a torná-lo bastante confuso. Com isso, a turma entenderá que, como em qualquer gênero textual, os parágrafos e o seu conteúdo obedecem a uma ordem lógica, que não pode ser ignorada sob pena de inviabilizar a compreensão do texto. Em seguida, em conjunto com a turma, o professor pode utilizar o quadro-negro para construir um roteiro de produção de resenhas. Segue uma sugestão.

ROTEIRIZAÇÃO DE RESENHAS¹⁴	
TÍTULO	TODO TEXTO DEVE TER UM TÍTULO E, NO CASO DAS RESENHAS, ATÉ UM SUBTÍTULO PODE APARECER.
INTRODUÇÃO	O PRIMEIRO PARÁGRAFO DE UMA RESENHA DEVE APRESENTAR A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DA OBRA APRESENTADA E ALGUMAS BREVES INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR DESSA OBRA. ALÉM DISSO, PODE CONSTAR TAMBÉM UM BREVE RESUMO DA OBRA. (corresponde ao 1º parágrafo da resenha lida)
DESENVOLVIMENTO	OS PRÓXIMOS PARÁGRAFOS SÃO RESPONSÁVEIS POR MOSTRAR A OPINIÃO DO AUTOR E SEUS ARGUMENTOS. (corresponde ao 2º, 3º e 4º parágrafos da resenha lida)
CONCLUSÃO	MOSTRAR NOVAMENTE A IDEIA DEFENDIDA, ENFATIZANDO-A. (corresponde ao 5º parágrafo da resenha lida)
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	APÓS O TEXTO, MOSTRAR A REFERÊNCIA COMPLETA DOS LIVROS UTILIZADOS, INCLUINDO AQUELE QUE FOI RESENHADO.

¹⁴ A forma aqui sintetizada não é a única possível para a construção de resenhas. O professor encontra mais informações em: <http://www.pucrs.br/gpt/resenha.php>

Para finalizar, o professor pode sugerir aos alunos que produzam, em dupla, uma resenha. Uma sugestão é aproveitar o romance que já está sendo estudado pela turma, no caso, “Lucíola”. Se houver tempo, no entanto, o professor pode também propor outras leituras como, por exemplo, “Diva” e “Senhora”, que permitiriam completar assim os principais perfis femininos de José de Alencar. Outra possibilidade mais simples de trabalho seria resenhar um filme. Neste caso, o professor pode selecionar um dos títulos que já foram mencionados nestas mesmas Orientações Pedagógicas ou outro relativo à estética romântica ou ao seu contexto histórico.

Depois de trabalhar esta sequência didática, é fundamental verificar se o aluno consegue diferenciar os gêneros resenha e resumo. Para isto, ele deve compreender que o primeiro comporta a emissão de juízos de valor e a assunção de um posicionamento crítico por parte do autor, o que não deve se manifestar no resumo, mera síntese das partes principais do texto-base. Além disso, o professor precisa avaliar se, ao desenvolver uma resenha, o aluno emprega adequadamente adjetivos e advérbios para introduzir juízos de valor e se relaciona o romance analisado com temas e questões pertinentes à atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e avaliações, listamos e comentamos, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

LEITURA

- **Relacionar os modos de organização da linguagem na Literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.**

- **Reconhecer na resenha a finalidade de expor criticamente um ponto de vista sobre manifestações artísticas.**

Livros teóricos:

- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 126-160.

O livro traz uma abordagem teórica, formal e mais detalhada que trata dos aspectos históricos, das características do Romantismo, da diversidade de autores e da análise da prosa.

- LEDO, Terezinha de Oliveira, MARTINS, Patrícia. **Manual de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira**. São Paulo: DCL, 2003, p. 214-225.

O livro explica o Romantismo de uma forma versátil, objetiva, resumindo os principais aspectos históricos, os autores e seus textos mais importantes da prosa romântica.

- MEDEIROS, J. B. Resenha. In: **Redação Científica** – a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2008. P. 145-166.

Neste texto o autor explica o que é uma resenha, expõe a diferença entre os diversos tipos existentes, dá exemplos e comenta os elementos estruturais que a compõem e oferece, ao fim, dois exercícios: um dirigido e um mais livre, nos quais uma resenha deve ser analisada.

- OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. **Minimanual compacto de literatura brasileira: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 2003, p. 108-117, 146-162.

De maneira esclarecedora, a autora faz uma síntese dos tipos de romance do Romantismo. Além disso, usa imagens ao tratar dos autores e seus principais textos. Ao final, há questões de vestibular que podem ajudar o aluno a exercitar sua compreensão sobre a prosa romântica.

Livro didático

- CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Literatura Brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995, p. 150- 189.

Com um estilo marcado por imagens, quadros, sugestões de filmes, pinturas e músicas, o leitor pode compreender melhor o Romantismo. Além disso, o volume disponibiliza uma explicação sobre a história, a arte, as características da prosa romântica, com a menção dos autores e obras mais representativos. O livro também traz uma série de exercícios.

- CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva Português**. São Paulo: Ática, 2010. 2 v, p.136-158.

O capítulo 2 da unidade 3 trata do Realismo e Naturalismo por meio de propostas de análises de diferentes textos. O livro destaca os principais autores do período e ainda sugere atividades que relacionam o olhar crítico das obras realistas e naturalistas com gêneros bem acessíveis aos alunos.

USO DA LÍNGUA

- **Identificar as figuras de linguagem presentes na estética romântica.**
- **Identificar os termos essenciais da oração**
- **Reconhecer mecanismos de coesão referencial e sequencial.**
- **Empregar adjetivos valorativos e advérbios como mecanismo de introdução do juízo de valor e recurso modalizador.**

Livros teóricos:

- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à Sintaxe do Português**. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2000, p. 120- 131, 131-139.

Na seção “Sintaxe e discurso”, o Professor José Carlos de Azeredo aborda as relações do texto com interlocutor, conteúdo, tempo, espaço e entre os discursos. Ao tratar da modalidade, oferece ao leitor uma apresentação das expressões linguísticas referentes à apreciação do locutor sobre o conteúdo

proposicional das orações, seus interesses e intenções quanto às tarefas da enunciação. Além disso, o autor aborda o assunto “Coesão textual”, refletindo sobre as espécies de coesão, o tópico e a junção na construção de sentidos.

- BECHARA, Evanildo Cavalcante. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed., ver. Ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p.439-460.

A obra aborda conceito e explicação dos termos essenciais da oração: sujeito e predicado. Há pormenorizada análise de casos que esclarecem dúvidas e combatem o senso comum. Destaque para os variados exemplos literários e cotidianos

- CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 149- 160.

A obra trata dos termos essenciais da oração de forma esclarecedora e objetiva. O livro lança mão de exemplos majoritariamente literários.

- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça.. **A coesão textual**. 20 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Este livro oferece um panorama da coesão, demonstrando o funcionamento dos mecanismos da coesão referencial e sequencial em textos literários e não literários. O trabalho consegue unir teoria e prática, discutindo sobre as relações anafóricas e catafóricas, as referências, substituições e o uso de elementos gramaticais coesivos, como artigos, pronomes, expressões adverbiais e verbos.

- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed Unesp, 2000. p. 184-199, 244-256.

A autora, no capítulo 5, classifica os diferentes tipos de advérbios modalizadores, mostrando suas características e seu valor no enunciado, bem como o papel que desempenha nas estratégias do falante para marcar sua atitude face ao que diz. A partir da leitura do capítulo 3 é possível compreender também

os efeitos nos textos dos adjetivos de modalização, com seu papel de avaliação pessoal em suas diversas nuances.

- RIBEIRO, Manuel Pinto. **Gramática aplicada da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Metáfora, 2002, p. 345- 354.

O autor oferece ao leitor um panorama de figuras de linguagem, tratando das figuras de palavras, de sintaxe e de pensamento. Destaque para a explanação sobre metáforas com conceitos de diversos autores, tipos, exemplos literários e cotidianos.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Produzir resenhas dos romances estudados, relacionando-os à discussão de paradigmas e temas da atualidade.**

Livros teóricos:

- MEDEIROS, J. B. Resenha. In: **Redação Científica** – a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2008. P. 145-166.

Neste texto o autor explica o que é uma resenha, expõe a diferença entre os diversos tipos existentes, dá exemplos e comenta os elementos estruturais que a compõem e oferece, ao fim, dois exercícios: um dirigido e um mais livre, nos quais uma resenha deve ser analisada.